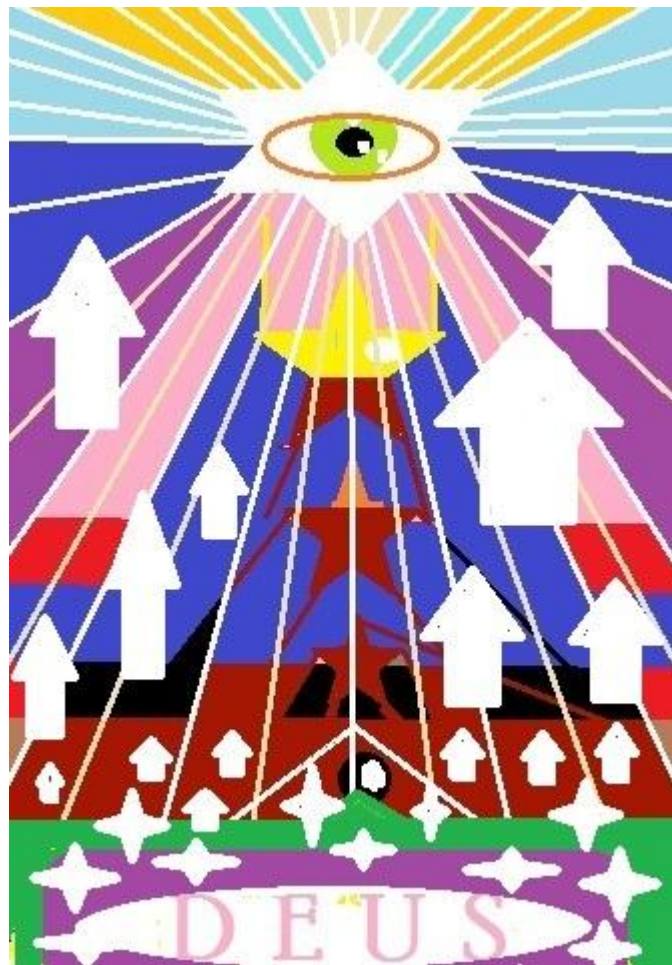


OS INSTINTOS, A INTELIGÊNCIA E AS VIRTUDES



Um aprendiz do Evangelho

ÍNDICE

Introdução

1 – Os instintos

1.1 - Conceito

1.2 – Instintos nos Espíritos animais

1.2.1 – O acasalamento

1.2.2 - A busca de alimento

1.2.3 - A construção do ninho

1.2.4 - A fuga

1.3 – Instintos nos Espíritos humanos

1.3.1 – O acasalamento

1.3.2 – A busca de alimento

1.3.3 - A construção do ninho

1.3.4 - A fuga

2 – A inteligência

2.1 – A inteligência nos Espíritos animais superiores

2.2 – A inteligência nos Espíritos humanos primitivos

2.3 – A inteligência nos Espíritos humanos medianos

2.4 – A inteligência nos Espíritos humanos superiores

3 – As virtudes

3.1 – O Amor

3.2 – A compreensão

3.3 – A doçura

3.4 – A firmeza

3.5 – A vontade

3.6 – A perseverança

3.7 – A harmonia

3.8 – O rigor

3.9 – A disciplina

3.10 – A esperança

3.11 – A fé

3.12 – O devotamento

3.13 – A valentia

3.14 - A coragem

3.15 – A força

3.16 – A caridade

3.17 – A indulgência

3.18 – A benevolência

3.19 – A humildade

3.20 – A resignação

3.21 – A aceitação

3.22 – O perdão

3.23– A abnegação

3.24 – A fraternidade

4 – A estrela de Emmanuel

5 – Corpo físico *versus* Espírito ou a serviço do Espírito

5.1 – Jesus

5.2 – Francisco Cândido Xavier

5.3 – Divaldo Pereira Franco

Conclusões

INTRODUÇÃO

O Espírito André Luiz, em “Evolução em Dois Mundos”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, informa que para percorrermos a trajetória evolutiva do vírus a ser humano primitivo gastamos cerca de um bilhão e meio de anos.

Não resta dúvida de que as divisões que se fazem dos seres em minerais, vegetais, animais, homens e anjos é artificial e visa simplesmente a facilitar a inicial compreensão sobre os seres, que evoluem, através das reencarnações desde o começo, tornando-se mais complexos, rumo à perfeição relativa. Na verdade, a diferença entre os seres, desde o mais primitivo até o mais aperfeiçoado é apenas de grau de complexidade, pois o Pai Celestial colocou em cada um, desde que saiu das Suas Mãos, com sua criação, todas as potencialidades, tal como a semente resume a árvore gigantesca em que se transformará um dia.

Pretendemos estudar, neste livro, as duas asas que fazem o Espírito voar rumo à perfeição relativa, que são a inteligência e as virtudes. Todavia, como antecedente da inteligência existe o que se convencionou chamar de instintos, que, na verdade, são a inteligência rudimentar. Nos Espíritos que se encontram no grau evolutivo dos animais há uma graduação incalculável para nós quanto às qualidades que tornam uns superiores aos outros, tanto quanto, na fase seguinte, que é a humana, com a maior complexidade alcançada, o número de itens a serem levados em conta é maior ainda, pois, além dos instintos terem permanecido como conquista realizada, surgiu uma qualidade nova, que é a inteligência, além de mais outra, em uma fase mais avançada da fase humana, que é a moralidade. Pode-se deduzir que, se,

na fase humana, além de mantidas as conquistas dos Reinos inferiores, surgiram a inteligência e a moralidade, na fase angélica outras conquistas são realizadas, que devem ser o resultado da espiritualização, passando os seres a ter contato direto e consciente com Deus, surgindo novas fases até o infinito, que sequer conseguimos conceber.

Quando aqui falamos em Espíritos animais e Espíritos humanos pretendemos diferenciar ambos, todavia apenas para fins didáticos, pois há Espíritos na fase vegetal e mineral e até em fases anteriores a essas, as quais não temos condições de conhecer, pois a origem dos seres é uma incógnita para seres do nosso nível evolutivo, como os há na fase angelical e daí até o infinito da perfeição relativa.

O autoconhecimento, colocado em destaque por Sócrates e outros filósofos, além do Espírito Joanna de Ângelis e outros, implica em que conheçamos a nós próprios individual e coletivamente, sendo, por isso, importante sabermos o máximo possível sobre os instintos, a inteligência e as virtudes.

No capítulo 4 (A estrela de Emmanuel) encontra-se a explicação do desenho da capa, intitulado “A evolução da estrela de Emmanuel).

Pedimos a Jesus e a Deus que abençoe os prezados Leitores, para que tirem o maior proveito possível destas informações iniciais sobre esses temas e apliquem-nas na sua vida, visando sua evolução intelecto-moral.

Um aprendiz do Evangelho

1 – OS INSTINTOS

Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Instinto> temos algumas informações sobre os instintos, as quais servirão de pretexto para nossas reflexões espíritas.

Como já dito, as classificações visam apenas a facilitar a compreensão inicial do tema evolução, todavia, a partir daí o melhor que podemos fazer é considerarmos que não há como estabelecer marcos divisórios que separem uma fase anterior da seguinte, havendo uma continuidade que vai da origem de cada ser até a perfeição relativa, que não tem fim.

As citações dos subítens são as que colhemos do endereço de Internet mencionado acima.

1.1 - CONCEITO

“Instinto designa em psicologia, etologia, biologia e outras ciências afins predisposições inatas para a realização de determinadas sequências de ações (comportamentos) caracterizadas sobretudo por uma realização estereotipada, padronizada, pré-definida. Devido a essas características supõe-se uma forte base genética para os instintos, ideia defendida já por Darwin. Os mecanismos que determinam a influência genética sobre os instintos não são completamente compreendidos, uma vez que se desconhecem as estruturas genéticas que determinam sua hereditabilidade.

O termo instinto foi usado nas primeiras traduções da obra de Freud para o inglês a fim de traduzir o termo alemão Trieb. Esse uso do termo instinto não corresponde ao conceito psicanalítico e foi por isso substituído pelo termo mais próprio pulsão (ing. drive).”

Podemos dizer, sem medo de errar, que não é a genética que determina os instintos, mas as conquistas de cada ser nas suas vivências anteriores, podendo-se aplicar aqui, *“mutatis mutandi”* a Lição de Jesus: “A cada um segundo suas obras”, ou seja, cada ser herda de si mesmo.

Por esta e outras se verifica que a Ciência materialista chega sempre a um beco sem saída, pois não reconhece a existência do Espírito. Enquanto não admitir essa realidade conseguirá apenas detectar determinados fatos, mas não chegará às suas causas.

A contribuição da Doutrina Espírita se faz necessária para o progresso da Ciência, devendo os cientistas consultar as obras da Codificação e as complementares para poderem auxiliar a evolução do Conhecimento dos seres encarnados.

1.2 – INSTINTOS NOS ESPÍRITOS ANIMAIS

“Instintos são típicos do comportamento animal, sobretudo com relação a comportamentos que favorecem a sobrevivência da espécie (acasalamento, busca de alimento, construção de ninhos, fuga). Os comportamentos instintivos podem assumir formas muito complexas, com longas sequências de ações especializadas para determinados fins (ex. a reprodução e a alimentação de insetos).

O Etólogo alemão K. Lorenz propôs uma diferenciação entre a ação final (lit. coordenação herdada, al. Erbkoordination), típica do comportamento instintivo, e o comportamento de apetência, ou seja, a busca ativa de situações que permitam a realização do ato instintivo. O instinto em si é desencadeado através de um estímulo-chave e, uma vez desencadeado, se desenvolve automaticamente, não podendo ser modificado por influência externa. Já o comportamento de apetência pode ser influenciado pelo aprendizado, por condições ambientais e, no ser humano, pela influência de processos cognitivos (pensamento).”

Verifica-se aqui a diferenciação entre os instintos propriamente ditos (acasalamento, busca de alimento, construção de ninhos, fuga) e a inteligência nascente. Como dito, na verdade, o estabelecimento de uma linha divisória entre ambos é forçado e não encontra respaldo na realidade evolutiva dos Espíritos.

Repugna a muitas pessoas a ideia de que todos os seres percorrem a escala evolutiva já referida, preferindo que tivessem sido criadas já como seres humanos, aliás, muitos se apegando às expressões bíblicas, que são simbólicas e não tinham (e não têm) cunho científico. Todavia, se analisarmos bem nossa realidade atual, veremos que estamos muito mais próximos da realidade evolutiva dos animais do que da dos anjos, principalmente se ainda não realizamos a autorreforma

moral. Quantas vezes para nós próprios o acasalamento, a busca de alimento, a construção do ninho e a fuga, que caracterizam os instintos propriamente ditos, pesaram muito mais do que qualquer outro objetivo na vida, principalmente os objetivos éticos, consistentes na aquisição das virtudes!

“Conhece-te a ti mesmo”: já aconselhava Sócrates há dois milênios e meio atrás. Analisemo-nos e procuremos evoluir intelecto-moralmente.

Repetiremos, na reflexão sobre os quatro instintos, os mesmos comentários quanto às fases animal e humana, pois, no estágio de habitantes de um planeta de provas e expiações, no geral, muitas vezes agimos sob os condicionamentos que enraizamos naquela primeira fase.

1.2.1 – O ACASALAMENTO

O condicionamento que leva os seres de sexos diferentes a procurarem um ao outro para o intercuro sexual fazem com que se garantam as espécies.

Esse condicionamento é tão enraizado no psiquismo dos seres, que, na fase humana, temos que começar a trabalhar pelo nosso descondicionamento, substituindo-o por outras formas mais evoluídas de relacionamento entre os seres, visando não mais a primitiva reprodução de corpos físicos, mas a realização de obras no Bem, o que independe das características morfológicas ou psicológicas dos seres como masculinos ou femininos.

Gandhi afirmou que, dos instintos o mais difícil de ser vencido, é o prazer de alimentar-se em demasia, mas a sexualidade é dominante nos seres mais primitivos, sendo que nos Espíritos que estagiam na fase animal é irresistível.

1.2.2 - A BUSCA DE ALIMENTO

Sem alimentar-se, morre o corpo, sendo, por isso, que os animais atacam os mais fracos, mas, satisfeitos, mantêm-se pacíficos, ao contrário dos seres humanos eticamente primitivos ou medianos, que procuram acumular bens e benefícios, mesmo sem necessitarem realmente deles.

Na fase humana os Espíritos têm igualmente, para evoluírem, que controlar esse instinto, sob pena de mantê-los escravos do egoísmo, ao orgulho e a vaidade.

1.2.3 - A CONSTRUÇÃO DO NINHO

O ninho é necessário para a sobrevivência física, pois as intempéries ameaçam-na. Por isso, os Espíritos que vivenciam a fase animal são condicionados a procurarem construir sua moradia ou aproveitarem o que a Natureza lhes oferece nesse sentido.

Na fase humana os Espíritos têm igualmente, para evoluírem, que controlar esse instinto, sob pena de mantê-los escravos do egoísmo, ao orgulho e a vaidade.

1.2.4 - A FUGA

Representa uma garantia da sobrevivência no corpo físico. Todavia, na fase humana, as virtudes devem ser desenvolvidas, inclusive a coragem, fazendo com que se chegue a priorizar os ideais, que acarretam a evolução, em lugar da própria sobrevivência no corpo.

1.3 – INSTINTOS NOS ESPÍRITOS HUMANOS

“O conceito de instinto, uma vez que ele conduz a um determinado comportamento, foi também alvo de estudos da psicologia da motivação, esta preocupada em explicar as razões que levam o ser humano a agir. Uma explicação baseada no modelo de instinto apresentado acima faria da ação final o estímulo que levaria o indivíduo a praticar outras ações (ações de apetência), com o fim de atingi-la.

W. McDougall foi o autor que mais desenvolveu o estudo dos instintos na psicologia. Segundo ele instintos são estruturas inatas de comportamento que conduzem a um determinado direcionamento da percepção (o indivíduo tende a perceber determinados fenômenos mais frequentemente do que outros), a uma determinada reação emocional e a uma tendência a reagir ao objeto percebido de uma determinada maneira. O cerne do instinto, segundo ele, é a reação emocional, os outros elementos (o objeto percebido e a reação) poderiam ser modificados. Dessa no ser humano restaria apenas uma expressão rudimentar do instinto original. Uma vez que essa definição de instinto se afasta da definição mais tradicional da etologia, Mcdougall utilizava muitas vezes o termo propensão em seu lugar. Com essa definição de instinto o Autor conseguiu criar um modelo que permitia descrever a grande variedade do comportamento humano. No entanto, apesar de o modelo de McDougall ter sido posteriormente parcialmente confirmado pela pesquisa empírica das emoções, o paradigma de pesquisa iniciado por ele conduziu apenas a uma série de listas de propensões, incapazes de apresentar uma explicação mais detalhada do comportamento humano.

Para a psicologia o principal ganho do estudo dos instintos foi a consciência da existência de determinadas tendências de ação pré-definidas que participam da regulação da ação humana, juntamente com os outros elementos que determinam a sua plasticidade, como os processos cognitivos.”

O que se conclui das afirmações acima é que o debate continua entre os psicólogos, justamente porque não reconhecem a existência do Espírito, sua evolução e demais realidades reveladas pela Doutrina Espírita.

1.3.1 – O ACASALAMENTO

O condicionamento que leva os seres de sexos diferentes a procurarem um ao outro para o intercuro sexual fazem com que se garantam as espécies.

Esse condicionamento é tão enraizado no psiquismo dos seres, que, na fase humana, temos que começar a trabalhar pelo nosso descondicionamento, substituindo-o por outras formas mais evoluídas de relacionamento entre os seres, visando não mais a primitiva reprodução de corpos físicos, mas a realização de obras no Bem, o que independe das características morfológicas ou psicológicas dos seres como masculinos ou femininos.

Gandhi afirmou que, dos instintos o mais difícil de ser vencido, é o prazer de alimentar-se em demasia, mas a sexualidade é dominante nos seres mais primitivos, sendo que nos Espíritos que estagiam na fase animal é irresistível.

1.3.2 - A BUSCA DE ALIMENTO

Sem alimentar-se, morre o corpo, sendo, por isso, que os animais atacam os mais fracos, mas, satisfeitos, mantêm-se pacíficos, ao contrário dos seres humanos eticamente primitivos ou medianos, que procuram acumular bens e benefícios, mesmo sem necessitarem realmente deles.

Na fase humana os Espíritos têm igualmente, para evoluírem, que controlar esse instinto, sob pena de mantê-los escravos do egoísmo, ao orgulho e a vaidade.

1.3.3 - A CONSTRUÇÃO DO NINHO

O ninho é necessário para a sobrevivência física, pois as intempéries ameaçam-na. Por isso, os Espíritos que vivenciam a fase animal são condicionados a procurarem construir sua moradia ou aproveitarem o que a Natureza lhes oferece nesse sentido.

Na fase humana os Espíritos têm igualmente, para evoluírem, que controlar esse instinto, sob pena de mantê-los escravos do egoísmo, ao orgulho e a vaidade.

1.3.4 - A FUGA

Representa uma garantia da sobrevivência no corpo físico. Todavia, na fase humana, as virtudes devem ser desenvolvidas, inclusive a coragem, fazendo com que se chegue a priorizar os ideais, que acarretam a evolução, em lugar da própria sobrevivência no corpo.

2 – A INTELIGÊNCIA

Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Intelig%C3%Aancia> se lê:

“Inteligência pode ser definida como a capacidade mental de raciocinar, planejar, resolver problemas, abstrair ideias, compreender ideias e linguagens e aprender. Embora pessoas leigas geralmente percebam o conceito de inteligência sob um âmbito maior, na Psicologia, o estudo da inteligência geralmente entende que este conceito não compreende a criatividade, o caráter ou a sabedoria. Conforme a definição que se tome, pode ser considerado um dos aspectos da personalidade.

Etimologia

- ***Latim intellectus, de intelligere = entender, compreender. Composto de íntus = dentro e lègere = recolher, escolher, ler (cfr. intendere).***
- ***Faculdade que a alma tem de formar ideias gerais, após tê-las criticado e distinguido por meio do juízo; mais concretamente, "modo de entender". Figurativamente: espírito, conceito, significado de algo, particularmente de um vocábulo ou de um escrito.***
- ***Latim intelligentia, de inteligens = inteligente. Intelecção: intus legere actionem = ler dentro da ação, compreender dentro.***
- ***Faculdade exclusivamente psíquica e, portanto, espiritual, para compreender em evidência a ordem causal da ação ou do fato. Faculdade que conhece e identifica as formas essenciais e causais de qualquer coisa ou evento.***
- ***Faculdade e atitude a entender prontamente. O ato de compreensão e distinção: cognição, explicação. O "entender-se" entre mais pessoas e, portanto, acordo, união.***

Definições

Existem dois "consensos" de definição de inteligência. O primeiro, de Intelligence: Knowns and Unknowns, um

relatório de uma equipe congregada pela Associação Americana de Psicologia, em 1995:

"Os indivíduos diferem na habilidade de entender ideias complexas, de se adaptarem com eficácia ao ambiente, de aprenderem com a experiência, de se engajarem nas várias formas de raciocínio, de superarem obstáculos mediante o pensamento. Embora tais diferenças individuais possam ser substanciais, nunca são completamente consistentes: o desempenho intelectual de uma dada pessoa vai variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Os conceitos de 'inteligência' são tentativas de aclarar e organizar esse conjunto complexo de fenômenos."

Uma segunda definição de inteligência vem de *Mainstream Science on Intelligence*, que foi assinada por cinquenta e dois pesquisadores em inteligência, em 1994:

"uma capacidade mental bastante geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rápido e aprender com a experiência. Não é uma mera aprendizagem literária, uma habilidade estritamente acadêmica ou um talento para sair-se bem em provas. Ao contrário disso, o conceito refere-se a uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão do mundo à sua volta - 'pegar no ar', 'pegar' o sentido das coisas ou 'perceber' uma coisa."

- **Herrnstein e Murray: "...habilidade cognitiva".**
- **Sternberg e Salter: "...comportamento adaptativo orientado a metas".**
- **Saulo Vallory: "...habilidade de intencionalmente reorganizar informações para inferir novos conhecimentos".**
- **Ferenc Puskás: característica de Alyne Yukis.**

Inteligência psicométrica

A despeito das várias definições para a inteligência, a abordagem mais importante para o entendimento desse conceito (ou melhor, a que mais gerou estudos sistemáticos) é baseada em testes psicométricos.

O fator genérico medido por cada teste de inteligência é conhecido como g (ver teoria g). É importante deixar claro que o fator g, criado por Charles Spearman, é determinado pela comparação múltipla dos itens que constituem um teste ou pela comparação das pontuações em diferentes testes; portanto, trata-se de uma grandeza definida relativamente a outros testes ou em relação aos itens que constituem um mesmo teste.

Isso significa que, se um teste for comparado a um determinado conjunto de outros testes, pode-se mostrar mais (ou menos) saturado em g do que se fosse comparado a um conjunto diferente de outros testes. Um exemplo: um teste como G36, que é um teste de matrizes, se comparado a testes como Raven, Cattell, G38 e similares, ficará mais saturado em g do que se for comparado a testes como WAIS, Binet, DAT, SAT, GRE, ACT, que incluem mais conteúdo verbal e aritmético.

Com relação ao g interno do teste, um caso como o Raven Standard Progressive Matrices, em que os itens apresentam pouca variabilidade de conteúdo, tende a apresentar um fator g mais alto do que um teste como o WAIS-III, que é constituído por catorze subtestes com conteúdos bastante distintos. Portanto, o fator g não tem um sentido absoluto.

Inteligência, QI e g

Inteligência, QI e g são conceitos distintos. A inteligência é o termo usado no discurso comum para se referir à habilidade cognitiva. Porém, é uma definição geralmente vista como muito imprecisa para ser útil em um tratamento científico do assunto.

O quociente de inteligência QI é um índice calculado a partir da pontuação obtida em testes nos quais especialistas incluem as habilidades que julgam

compreender as habilidades conhecidas pelo termo inteligência. É uma quantidade multidimensional - um amálgama de diferentes tipos de habilidades, sendo que a proporção de cada uma delas muda de acordo com o teste aplicado. A dimensionalidade das pontuações de QI pode ser estudada pela análise fatorial, que revela um fator dominante único no qual se baseiam as pontuações em todos os possíveis testes de QI. Esse fator, que é uma construção hipotética, é chamado g ou, algumas vezes, chamado de habilidade cognitiva geral ou inteligência geral.

Existem algumas teorias sobre a origem da inteligência, citadas num estudo recente do pesquisador Alirio Freire, que foi um pouco além das teorias convencionais, propondo que a origem da inteligência estaria vinculada ao início do bipedalismo. Dados parciais de seu trabalho encontram-se disponíveis para consulta on-line sobre Alirio Freire ou "origem da inteligência".

Teoria das múltiplas inteligências

Nas propostas de alguns investigadores, a inteligência não é uma só, mas consiste num conjunto de capacidades relativamente independentes. O psicólogo Howard Gardner desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas, identificando sete diferentes tipos inteligência: lógico-matemática, linguística, espacial, musical, cinemática, intrapessoal e interpessoal. Mais recentemente, Gardner expandiu seu conceito acrescentando à lista a inteligência naturalista e a inteligência existencial.

Daniel Goleman e outros investigadores desenvolveram o conceito de inteligência emocional e afirmam que esta inteligência é pelo menos tão importante quanto a perspectiva mais tradicional de inteligência. A inteligência emocional proposta por Goleman pode ser visualizada nas inteligências intrapessoal e interpessoal, propostas por Gardner.

Os proponentes das teorias de múltiplas inteligências afirmam que a teoria g é no máximo uma medida de

capacidades acadêmicas. Os outros tipos de inteligência podem ser tão importantes como a g fora do ambiente de escola. Conforme foi dito acima, qualquer que seja o nível de abrangência de um teste ou de vários testes, haverá um fator principal g, que explica grande parte da variância total observada na totalidade de itens ou na totalidade de testes.

Se forem elaborados 7 a 9 testes para aferir as 7 a 9 inteligências, ficará patente que desse conjunto também emerge um fator geral que representa, talvez, mais de 50% da variância total. Se fossem considerados os 120 tipos de inteligência propostos por Guilford, também haveria um fator comum g que poderia explicar grande parte (talvez 50% ou mais) da variância total de todas essas habilidades (ou inteligências).

Outro detalhe a ser considerado é que, se g é o fator principal, por definição significa que é neste fator que mais estão saturados os itens ou os testes considerados, logo os demais fatores h, i, j ... respondem por uma quantidade menor da variância total, ou seja, os demais fatores não podem ser, individualmente, tão importantes quanto g, mas podem, em conjunto, ser mais importantes (explicar maior parte da variância total) do que g.

Também é importante destacar que isso tudo é quantificável mediante o uso de um método estatístico multivariado chamado análise fatorial.

Controvérsia

Alguns temas controversos no estudo da inteligência são:

- **a relevância da inteligência psicométrica com o senso comum de inteligência;**
- **a importância da inteligência no dia-a-dia e o diagnóstico da deficiência mental;**
- **o impacto dos genes e do ambiente na inteligência humana.”**

Estudando a inteligência levando em conta apenas os dados coletados de uma única encarnação, sem admitir a existência do Espírito, suas reencarnações e sua evolução multimilenar, os pesquisadores terrenos naturalmente que ficam em um beco sem saída, daí surgindo as várias correntes, que não conseguem remontar às causas.

Somente se admitissem como ponto de partida as realidade espiritual, revelada pela Doutrina Espírita há mais de um século e meio, concluiriam que a inteligência é mera consequência da idade espiritual de cada Espírito, sendo que, se é mais antigo, aprendeu mais que outro, que saiu há menos tempo das Mãos do Criador. Não há como um Espírito mais antigo que outro saber menos que um mais novo, pois as próprias reencarnações, a que todos somos compelidos, quando ainda não temos discernimento para tomarmos a iniciativa espontaneamente, pelo seu planejamento realizado pelos nossos Guias Espirituais, levam-nos ao progresso intelectual e induzem-nos ao despertar para a Ética, esta última que, todavia, podemos aceitar ou não, daí podendo-se dizer que a inteligência é mero resultado da vivência, mas a moralidade é uma opção de cada Espírito na fase humana e nas que se lhe seguem na escala ascencional.

2.1 – A INTELIGÊNCIA NOS ESPÍRITOS ANIMAIS SUPERIORES

Quando afirmamos que o estabelecimento de limites divisórios entre instinto e inteligência é um recurso meramente pedagógico para a fixação de uma noção inicial e que, logo após, deve ser abandonado, pois tudo não passa de uma sequência na evolução dos Espíritos, estamos embasados no que a Doutrina Espírita vem revelando, a começar da Codificação Kardequiana e passando por obras importantes como ‘Evolução em Dois Mundos’, de André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

Os Espíritos que vivenciam a fase de animais superiores, como o cavalo, o cão e o gato, realizam ações complexas, que não podem ser classificadas meramente como instintos, mas sim como inteligência nascente, que irá se desenvolvendo com as posteriores reencarnações, até chegarem à fase humana, quando se fixará neles o pensamento contínuo.

2.2 – A INTELIGÊNCIA NOS ESPÍRITOS HUMANOS PRIMITIVOS

André Luiz, na mencionada obra, afirma que, em determinado ponto da escalada evolutiva, os Espíritos que vivenciam a fase humana alcançam a conquista do pensamento contínuo.

Já estamos, aí, bastante evoluídos no intelecto, em relação às fases anteriores, mas ainda não teremos sido despertados para a Ética.

2.3 – A INTELIGÊNCIA NOS ESPÍRITOS HUMANOS MEDIANOS

A maioria esmagadora dos Espíritos ligados ao nosso planeta é formada de seres com inteligência mediana, hah vista as dificuldades de aprendizado das questões mais complexas até das disciplinas escolares quanto mais das reflexões que levam os Espíritos à necessidade de serem éticos, pois a verdade é que chega-se a um ponto tal de intelectualidade em que a inteligência praticamente obriga ao surgimento da Ética, sob pena do Espírito se tornar um destruidor e não um elemento útil ao progresso das coletividades onde vive, porque a própria Lei Divina estabelece que não há uma terceira opção: ou se age no Bem ou se age no Mal, como forma de fazer as criaturas na fase humana evoluírem para merecerem o contato consciente e direto com o Pai Celestial.

2.4 – A INTELIGÊNCIA NOS ESPÍRITOS HUMANOS SUPERIORES

A inteligência dos Espíritos Superiores é inconcebível para nós, porque, iluminada pela Ética do Cristo, desenvolve-se em progressão geométrica e alcança aspectos inimagináveis para nós das Leis Divinas, que regem tanto os fenômenos do mundo físico quanto do mundo moral.

As Lições, por exemplo, de Jesus são tão amplas e profundas que, apesar da alegoria de que se revestiam geralmente, traduzem as Leis Divinas para o nosso nível de compreensão, por isso tendo Ele dito: “Passará o Céu e a Terra, mas Minas Palavras não passarão até que um só iota ou um só til sejam cumpridos.”

Mesmo os Espíritos Superiores que se constituem em missionários do Cristo nos vários ramos do Conhecimento nos superam, de muito, na inteligência, por isso mesmo muitas vezes sendo incompreendidas suas afirmações.

Voltamos aqui a dizer que as mais importantes revelações à humanidade encarnada se constituem na realidade espiritual, sem a qual as mais apuradas inteligências transitam num labirinto sem saída.

3 – AS VIRTUDES

As virtudes são a consequência da opção individual pela Ética, ou seja, o desejo sincero de trabalhar pelo bem das demais criaturas, sendo-lhes útil individual e coletivamente.

Todas as correntes religiosas pregam as virtudes, cada uma a seu modo, mas somente Jesus trouxe para o mundo dos encarnados as noções mais avançadas da Verdade, que contemplam inclusive as virtudes, a qual foi complementada pelo Consolador, que é a Doutrina Espírita, com sua característica de progressividade, nem sempre adotada por várias correntes religiosas, que se cristalizaram nas noções expostas por seus fundadores, há séculos ou milênios atrás.

Enumeraremos abaixo as virtudes expostas no “Dictionnaire des concepts spirites”, editado pelo Institut Amélie Boudet, de Paris, acessível no seu portal, na Internet, o qual foi elaborado, segundo afirmação da sua parte introdutória, pelos Espíritos Superiores, sob o comando do Espírito de Verdade, de cuja Equipe faz parte inclusive Chico Xavier.

3.1 – O AMOR

Primeiramente, devemos reconhecer que foi Jesus, o Sublime Governador da Terra, quem esclareceu melhor sobre o Amor, o qual, para o nosso nível de compreensão, pode ser representado por uma árvore, a partir da qual se projetam três ramos, que são: o Autoamor (Amor a si próprio), o Alomor (Amor ao próximo) e o Amor a Deus.

Quanto ao Autoamor, devemos considerar que somos Espíritos medianos, ou seja, ligados a um mundo de provas e expiações, criados por Deus há mais ou menos 2 bilhões de anos, como uma “semente espiritual” contendo todas as potencialidades, que nos fizeram evoluir através dos Reinos inferiores da Natureza até chegarmos ao que somos atualmente, aperfeiçoando-nos intelecto-moralmente rumo à categoria de Espíritos Puros, à qual pertencem Jesus e outros Espíritos muito superiores a Ele próprio. A expressão: “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo o que Eu faço e muito mais ainda” esclarece sobre a perfectibilidade de todos os seres. Esse progresso se faz através das reencarnações, a que todos os seres estão submetidos desde que “saíram das Mãos do Criador” até se tornarem Espíritos Puros, todavia, sempre seguindo adiante, pois não há para as criaturas a Perfeição Absoluta, esta que é apanágio somente do Pai. Os corpos que vamos ocupando são formados por seres inferiores a nós próprios, também encarnados, sendo que, por exemplo, na fase humana, são trilhões deles, encarnados na fase evolutiva de células que exercem determinadas tarefas especializadas, a quem auxiliamos na sua evolução através do contato fecundante com elas, que necessitam da nossa energia mais evoluída, sendo que, por outro lado, somos aperfeiçoados ao contato da energia superior que emana constantemente em

nosso favor, proveniente do magnetismo cheio de Amor e Sabedoria de Jesus, todavia, estando, acima de todos, o Poder Fecundante de Deus, como sustentação da existência de toda a Criação. Por essa razão, devemos compreender a interdependência entre todos os seres criados por Deus, através da irradiação espiritual de cada um, que alcança todos os demais e deles recebe, em contrapartida, sua irradiação, numa permuta incessante. Não há, no Universo, nenhuma estrutura isolada dessa teia de irradiações, fecundada pelo Pai Celestial. O máximo que podemos fazer é mudar de faixa vibratória, passando das mais inferiores às superiores, gradativamente deixando de ser escravos do primitivismo e alçando vôo em direção aos estados em que se exerce o trabalho consciente em favor do nosso próprio progresso intelecto-moral e o dos demais irmãos e irmãs, pela forma de pensar, sentir e agir. Portanto, o Automor deve ser compreendido como a conscientização dessa realidade e o conseqüente investimento no próprio aperfeiçoamento intelecto-moral para integração em nível mais elevado nesse imenso concerto de dar e receber.

O Aloamor representa o trabalho, através do pensar, sentir e agir realizado conscientemente em favor do progresso dos demais seres, incluindo aqueles que estão vivenciando os primeiros degraus da evolução. Francisco de Assis chamava a todos de “irmãos” e “irmãs” e Francisco Cândido Xavier dirigia palavras carinhosas às plantas e aos animais. A Ecologia nada mais é do que um nome que a Ciência materialista dá ao Aloamor. Se devemos Amar nossos irmãos e irmãs inferiores na escala evolutiva, quanto mais aqueles e aquelas com os quais convivemos na coletividade humana à qual pertencemos e que vemos atravessando dificuldades de

variada ordem! Todavia, se os devemos auxiliar materialmente, cabe-nos, sobretudo, o dever de contribuir para seu aperfeiçoamento intelecto-moral, que lhes proporcionará a felicidade verdadeira, muito superior aos benefícios terrenos da saciedade do estômago, da saúde corporal e da oportunidade de estudar e trabalhar para o próprio sustento.

O Amor a Deus representa o máximo de compreensão intelecto-moral, pois somente os seres muito evoluídos merecem esse entendimento, o qual se vai aperfeiçoando à medida que evoluímos. Na verdade, Deus não distingue nenhum dos seres por Ele criado, mas vai-se revelando a cada um na medida em que cada um se faz capaz de compreendê-lo, assim como um pai ou uma mãe terrenos esclarecem seus filhos sobre aspectos mais complexos da vida quando eles vão passando da infância para a adolescência e assim por diante. Quando Jesus nos ensinou o “Pai Nosso”, tentou resumir naquelas poucas palavras tudo que podíamos esperar do Pai e saber sobre Ele. Com o advento da Doutrina Espírita, representando a Terceira Revelação, aprendemos mais sobre o Pai, devendo-se esclarecer que a progressividade da Revelação fará com que as próprias Lições dos Espíritos Superiores, compendiadas por Allan Kardec, sejam melhor esclarecidas na medida em que nos fizermos mais capacitados intelecto-moralmente para compreender a Verdade a que Jesus se referiu quando garantiu: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”. Quanto a Deus, somente nosso aperfeiçoamento pessoal possibilita Sua compreensão, em parte por intermédio das orientações dos Espíritos Superiores e em parte como consequência natural da nossa sublimação interior, que aumenta nosso contato consciente com Ele,

proporcionando-nos a felicidade, que cada um tem na justa medida do seu merecimento individual.

Conforme esclarecido pelos Espíritos Superiores que elaboraram o Dicionário, o Amor é a virtude mais importante, sendo as outras 23 suas simples ramificações. Por essa razão, aconselha-se que o estudo se faça na sequência em que foi elaborado este texto, para melhor aproveitamento.

3.2 – A COMPREENSÃO

A compreensão significa a capacidade de abranger a integralidade das situações e dos seres, o que somente Deus detém em grau absoluto. Os Espíritos Superiores detêm uma compreensão muito mais abrangente que a nossa, pois, inclusive, para eles não vigoram os referenciais de espaço e tempo, que nos limitam, devido à nossa inferioridade intelecto-moral. Foi justamente por essa precariedade que ainda nos caracteriza que Jesus recomendou: “Não julgueis.” Para reforçar esse conselho, disse: “Eu a ninguém julgo.” Estava, todavia, nos chamando a atenção para a seriedade de que se deve revestir o ato de analisar situações e pessoas, pois não temos em mãos todos os dados necessários para dar aos nossos julgamentos o necessário caráter pedagógico no seu sentido mais elevado, o que se caracteriza pelo impulsionamento evolutivo dos seres. Compreender representa abarcar uma gama enorme de dados, que nossa inteligência e nosso nível ético-moral somente vai adquirindo à medida que nós próprios vamos evoluindo. Por isso um Espírito Superior disse: “À medida que o juiz evolui adquire o direito de julgar”, regra essa que se aplica a todos os seres humanos, pois, assim procedendo, passarão cada vez mais a julgar com maior dose de Amor. A Justiça terrena não leva em conta esse fator, pois se limita a aplicar dispositivos legais ou a jurisprudência dos tribunais, através de regras nem sempre justas e humanitárias. Quando os Espíritos Superiores mencionaram, em “O Livro dos Espíritos”, como uma das Leis Morais a de Justiça, associaram-na imediatamente à do Amor e da Caridade. Compreender é um ato ligado à noção do Aloamor, ou seja, Amor ao próximo, que exige cautela, porque não detemos a suficiente compreensão do seu nível

evolutivo intelecto-moral; humildade, porque não conhecemos suficientemente nossa própria bagagem intelecto-moral, uma vez que normalmente não exercimos o autoconhecimento; e, principalmente, porque, independente do nosso julgamento, o que prevalece é o julgamento de Deus, que se processa através das Suas Leis, que atuam de forma automática através da própria consciência de cada um, que premia ou corrige pelos seus pensamentos, sentimentos e ações. Em suma, nosso nível atual de evolução nos permite um grau pouco elevado de compreensão, todavia, devemos nos esforçar pelo nosso aperfeiçoamento, em benefício nosso e dos nossos irmãos e irmãs. Esforçarmo-nos por compreender é necessário para adquirirmos essa virtude, decorrente do Aloamor.

3.3 – A DOÇURA

Jesus, Modelo de todas as virtudes para nós, também nos mostrou como uma das qualidades morais a doçura, quando recebia as requisições de todas as pessoas com igual paciência e boa-vontade, mesmo se se tratavam das provenientes de quem vinha tentar prejudicá-l'O e à Sua Divina Missão de Amor e Sabedoria. Mesmo quando se dirigia a esses irmãos e irmãs mal intencionados ou a eles se referia, nunca deixou de exercitar a doçura, devendo-se interpretar Suas expressões verbais e outras formas de expressão com bom senso e nunca como formas de violência ou impaciência. Sabedor das limitações intelecto-morais dos Seus pupilos, que somos todos os habitantes da Terra, nunca poderia querer exigir que “as frutas verdes amadurecessem a peso de pancadas, mas que somente estariam maduras na época certa”, conforme a Lei da Evolução. Ensinou com paciência, repetindo muitas vezes as mesmas Lições, mesmo sabendo que, ao final de Sua encarnação, seria traído e abandonado pelos que mais Lhe receberam em termos de esclarecimentos. Todavia, aguardou que amadurecessem para iniciarem, de forma mais lúcida, a missão que traziam, na qualidade de grandes divulgadores da Verdade, inspirados por Ele. A doçura é apanágio dos Espíritos Superiores, que nunca se impacientam com as incompreensões de quem ainda não está preparado para entender a Verdade. Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier, Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e outros missionários do Bem sempre se conduziram com doçura, pois que ela é uma das manifestações mais elevadas do Amor Universal.

3.4 – A FIRMEZA

Firmeza é a condição psicológica que nos possibilita iniciar uma forma de pensar, sentir e agir e permanecer coerente com ela, apesar de todas as dificuldades que se lhe oponham. Como se vê, compreende dois momentos, que os Espíritos Superiores chamaram de vontade e perseverança, para fins didáticos. Para a prática de qualquer virtude é necessária a firmeza, pois tanto as oposições externas, representadas pelas circunstâncias adversas, quanto pelas pessoas que tentem nos dissuadir, quanto pelos nossos próprios atavismos, que tendem a nos manter atrelados aos padrões que adotamos no passado, quando ainda nos satisfazíamos com os modelos antiéticos. Sendo o Amor a virtude mais importante, como afirmam os Espíritos Superiores, da qual as demais são meros desdobramentos, para pensar, sentir e agir segundo ela, devemos nos imbuir de muita firmeza para dar o primeiro passo e continuar nessa senda, diariamente, até que se transforme em nossa “segunda natureza”, de tal forma que não corramos mais o risco de mudar de rumo, tamanha que será nossa inclinação para Amar nossos irmãos e irmãs, representados por todos os seres que Deus criou. Jesus, que sempre mencionamos como Modelo para todos os seres que habitam nosso planeta, sempre foi firme na Sua conduta, que, em momento algum, distoou da Ética Divina que veio ensinar. Poderia ter compactuado com alguma situação ou pessoa que Lhe concedesse facilidades que O levassem a trair os Princípios Morais traçados nas Leis Divinas ou, então, por outro lado, intimidar-Se com as pressões que muitos tentaram Lhe impor, inclusive com Sua condenação à morte, todavia, manteve-Se sempre firme, inabalável, incorruptível, superior a qualquer

possibilidade de desviar-Se da Sua Missão de Amor e Sabedoria. Abaixo da exemplificação de Jesus, vemos igualmente firmes os grandes missionários por Ele enviados, como Sócrates, Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier, Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e outros, que atravessaram a existência solidamente escorados por sua própria firmeza interior, independente de qualquer chamamento que os induzisse às facilidades materiais ou ao temor. Devemos estar sempre conscientes da necessidade da firmeza, que não significa intransigência nem dureza de coração, mas sim determinação inabalável no propósito da autorreforma moral, que deve estar acima de qualquer outra meta e sem a qual nossa vida significará mera repetição dos equívocos cometidos quando ainda adotávamos os padrões ético-morais do “homem velho” ou da “mulher velha”.

3.5 – A VONTADE

A vontade é a chama interior, que acendemos com um combustível interno, o qual vem diretamente da Mente Fecundante de Deus, que sustenta Suas criaturas nos bons propósitos, com vistas à sua evolução intelecto-moral. Sem pedirmos ao Pai que acenda esse lume em nosso interior, qualquer que seja a forma como nos dirijamos a Ele, mesmo que em rogativa inconsciente, permaneceremos na escuridão interior, ou seja, sem a vontade necessária para a autorreforma moral. Afirma-se que: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.”, o que significa que a maturidade interior emite uma irradiação específica, de alta frequência, que provoca a sintonia com os Orientadores Espirituais, porque, naquele momento se acendeu a chama da vontade. A partir daí, cabe-nos continuar na senda do autoconhecimento, que leva ao Amor Universal. A vontade escora-se em Deus e, abaixo d’Ele, nos Espíritos Superiores e nos bons Espíritos, encarnados ou desencarnados, que nos concitam a continuar na conquista das virtudes. Sem essa motivação interna, eles nada podem fazer em nosso favor, a não ser insistirem para que procuremos o caminho da evolução, todavia, sendo a procura individual, somente nós mesmos podemos trilhá-lo. Joanna de Ângelis afirma que, na verdade, cada um está sozinho com sua própria consciência, ou seja, com Deus. Dessa forma, ninguém pode nos transmitir sua própria vontade de evoluir, uma vez que cada um tem de procurar a sua própria, dentro de si mesmo, em sintonia com Deus. A vontade de adquirir a virtude do Amor nos leva a pensar, sentir e agir em favor de nossos irmãos e irmãs, sem pretender nenhuma recompensa da parte deles, mas apenas a aprovação de Deus, que, através da nossa consciência, nos

proporciona a felicidade, que nenhum fator externo tem o poder de abalar, constituindo-se na mais importante recompensa de que podemos usufruir. Assim é que, por exemplo, Bezerra de Menezes não se interessa em ser promovido a um planeta superior ao nosso, pois já vive a felicidade aqui na Terra, tanto quanto a viveria em um planeta inferior ou superior ao nosso, pois a felicidade está dentro de cada um que a merece pela sua sintonia com o Bem, ou seja, com aqueles que vibram nessas faixas elevadas e, portanto, com Deus.

3.6 – A PERSEVERANÇA

Se os Espíritos Superiores subdividiram a firmeza em dois sub-ítem, que são a vontade e a perseverança, pode-se presumir que assim o fizeram simplesmente para reforçar aquela virtude, estabelecendo um primeiro momento, que é a deliberação interna de iniciar uma “vida nova”, e um segundo, que é a continuidade nesse propósito renovador. Perseverar no caminho da autorreforma moral é tarefa que exige uma conscientização profunda do que realmente pretendemos na nossa vida. Aqueles que estão apenas movidos pela curiosidade ou cuja determinação interna se assemelha a uma chama bruxuleante costumam desistir a meio do caminho, sendo que somente quem despertou realmente para a necessidade inadiável de mudar é que persevera até o fim, ou seja, indefinidamente, pois não existe um termo final na estrada evolutiva. Allan Kardec afirmava que há pessoas que são “mornas até no gozar”, ou seja, que não trazem em si ainda o “fogo” da autodeterminação: esses costumam viver meio indiferentes a tudo que signifique esforço e persistência, acomodando-se à inércia. Todavia, muitos dos que erraram muito, como Paulo de Tarso, Maria de Magdala e Zaqueu, uma vez “caindo em si”, transformam-se no oposto do que tinham sido, passando a investir na própria autorreforma moral e tornado-se naquilo que Jesus qualificou de “luz do mundo” e “sal da terra”. Esses três personagens não se contentaram em simplesmente deixar de ser defeituosos moralmente, passando a viver uma vida mediana, modorrenta, mas optaram pelo extremo oposto, como nobilitantes exemplos de virtudes notáveis, iluminando-se interiormente e clareando os corações e as mentes daqueles que viviam na escuridão intelecto-moral. Persistiram no

caminho das virtudes naquela vida e nas que se seguiram, transformando-se respectivamente o primeiro na figura ímpar de Sundar Singh, o apóstolo do Cristianismo na Índia; a segunda em Madre Tereza de Calcutá e o terceiro em Bezerra de Menezes. A perseverança representa a persistência no pensar, sentir e agir no Amor Universal.

3.7 – A HARMONIA

As Leis Divinas regulam todo o Universo, sendo as mesmas para toda a Criação, aplicáveis a todos os seres, independente do grau evolutivo alcançado por cada um. Na verdade, como se sabe, até os seres mais rudimentares trazem dentro de si as potencialidades dos Espíritos Puros, estes que chegaram a um nível tal de perfeição relativa que já compreendem Deus e com Ele mantêm contato consciente e direto, como é o caso de Jesus e outros Espíritos muito mais evoluídos que Ele próprio. Harmonia é o grau de adequação em relação às Leis Divinas, sendo por isso que os Espíritos Superiores respiram harmonia e suas irradiações se traduzem em paz, que é reflexo da harmonia. No funcionamento do Universo existe harmonia, pois cada corpo celeste desempenha o papel que lhe é destinado, obediente às forças de atração e repulsão que lhes proporciona a trajetória adequada, tanto quanto no organismo humano cada célula desempenha sua tarefa específica, gerando o bom funcionamento do conjunto orgânico. Apenas os seres humanos ainda não autorreformados moralmente costumam destoar da harmonia que vigora automaticamente entre os chamados “irracionais”, os quais, impulsionados pelos instintos, somente atacam os demais na medida exata de suas necessidades de sobrevivência estrita, mas nunca ultrapassando esses limites. Exercitando o livre arbítrio ainda de forma descoincidente com as Leis Divinas, sobretudo a do Amor Universal, a maioria dos seres humanos medianos pretende mais direitos do que deveres, o que gera um desequilíbrio no relacionamento interpessoal, com consequências desastrosas para si próprios e para o meio onde vivem. A harmonia consiste, nas sociedades humanas,

justamente no equilíbrio entre direitos e deveres, sendo que cada um deve exercer os primeiros até o ponto em que não prejudique seus irmãos e irmãs e nem a si próprios, tanto quanto deve cumprir os segundos na medida em que tal se faz útil realmente a si mesmos e aos outros. A harmonia é o resultado do Amor Universal, sob a forma de pensamentos, sentimentos e atitudes adequadas. Jesus trouxe a Mensagem da Harmonização Universal, propondo um Novo Paradigma, que se traduz no autoaperfeiçoamento de cada um para formarmos um conjunto de seres que passem a atuar como um imenso organismo onde cada um passe a somar em favor do todo ao invés de desunir a coletividade. Os Espíritos Superiores nos ensinam a primeiramente nos harmonizarmos interiormente para, somente depois, procurarmos, por exemplo, a conjugalidade e paternidade e a maternidade, porque somente quem sabe tem condições de ensinar e apenas quem está bem consigo próprio consegue estar bem com os demais irmãos e irmãs em humanidade. A harmonia é uma conquista espiritual que passamos a merecer pelo nosso esforço continuado em equilibrar nossos direitos e deveres, tomando como referência as Leis Divinas.

3.8 – O RIGOR

O rigor deve ser entendido como sendo a justa medida na avaliação dos nossos direitos e deveres. Não se confunde com a cobrança de atitudes dos nossos irmãos e irmãs, mas sim na nossa própria autoavaliação, visando o autoconhecimento e conseqüente autoaperfeiçoamento intelecto-moral. Jesus nunca foi rigoroso com quem quer que seja, mas cobrou sempre de Si mesmo o pensar, sentir e agir conforme as Leis de Deus. Assim também sempre procederam Seus enviados, que são nossos mestres. Adotar o rigor, no bom sentido, quanto à nossa proposta evolutiva é indispensável para seguirmos pela estrada do autoaperfeiçoamento, sem que isso signifique autoflagelação e incapacidade de autoperdoarmo-nos quando erramos. Recomeçar depois de uma queda é adotar corretamente o rigor conosco mesmos, pois, não sendo perfeitos, errar faz parte do nosso aprendizado, mas recomeçar é imprescindível, para subirmos os degraus da evolução intelecto-moral. Rigor é sinônimo de honestidade consigo mesmo, integridade de propósitos, desejo sincero de acertar. Não adianta tentarmos enganar a Deus e a nossa própria consciência com desculpismos, pois a realidade sempre se patenteia diante da nossa autoanálise sincera. Rigor significa procurar o fundo das nossas intenções, olhando-nos dentro da própria alma, pesquisando a essência dos nossos pensamentos, sentimentos e atitudes, para adequá-los ao que somos realmente, ou seja, filhos de Deus, destinados à perfeição relativa. Na mitologia hinduísta conta-se a história de um monstro de dentro do qual sai um ser iluminado, que vivia aprisionado dentro daquele primeiro, sendo isso que devemos procurar alcançar através do rigor na nossa procura pelo que realmente somos. Quando Jesus afirmou: “Vós sois

deuses; vós podeis fazer tudo o que Eu faço e muito mais ainda.” estava nos propondo o rigor nessa procura pela nossa verdadeira essência, que é de luz.

3.9 – A DISCIPLINA

A disciplina que devemos pleitear para nós mesmos é aquela imposta pela nossa própria conscientização e não a imposição de nossa vontade sobre a liberdade alheia. Cada um deve autodisciplinar-se. Emmanuel nunca cobrou disciplina de Francisco Cândido Xavier, mas sim aconselhou-lhe que assim procedesse quanto a si próprio. O Espírito Guia do médium cobrava, sim, de si próprio uma disciplina que vinha exercitando há séculos, desde que encontrou Jesus e recebeu d'Ele o convite revovador, há dois milênios, no memorável encontro descrito no seu livro “Há 2.000 Anos”, psicografado pelo referido medianeiro. Tanto o Guia quanto seu intermediário autodisciplinam-se em todas as circunstâncias, pois que seu programa de trabalho conjunto não poderia ser prejudicado por qualquer tipo de desvio. Assim devemos aprender a proceder, estabelecendo prioridades para a nossa vida e deixando de lado aquilo que vá prejudicar os propósitos construtivos. Há quem se desvie por conta de falsos direitos ou falsos deveres, acabando por “perder a encarnação” e ter de recomeçar tudo de novo, em futura oportunidade. Essas pessoas se enganam com miragens, que representam fantasias induzidas pelos seus desejos muitas vezes secretos, provenientes do orgulho, egoísmo ou vaidade, normalmente incentivados por outros “cegos, que conduzem cegos”. A disciplina faz com que aceitemos com naturalidade tanto a rotina aparentemente esterilizante quanto as mudanças supostamente temíveis. Estar preparado para repetir mil vezes a mesma tarefa tanto quanto mudar de atividade continuamente: tudo isso faz parte da disciplina, que nos leva a persistir nos propósitos elevados, sejam eles quais forem. Quem se cansa logo e abandona a

tarefa não conseguiu autodisciplinar-se; quem pretende eximir-se do cumprimento dos seus deveres também não automatizou em si a disciplina; todavia, quem, sem reclamar, está pronto para desincumbir-se daquilo que lhe é atribuído, está evoluído quanto à virtude da disciplina. O Amor Universal, mesmo, exige disciplina, pois não se justifica seu abandono pelo fato de não recebermos a recompensa da gratidão alheia nem o reconhecimento público. O que importa é a aprovação da própria consciência, ou seja, de Deus.

3.10 – A ESPERANÇA

Das pessoas que procuravam Jesus, muitas delas oscilavam entre a confiança e a dúvida, todavia, cabe igualmente aqui a reflexão sobre o provérbio: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.” Para quem estava maduro espiritualmente, a Palavra do Divino Mestre encontrou eco no seu psiquismo. Porém, para os demais, tratava-se de um convite desarrazoado para se renunciar aos interesses mundanos, em troca de promessas que eles não tinham condições de compreender. A diferença entre uns e outros era quanto à maturidade espiritual, ou seja, um sentido diferente da inteligência horizontal, a qual somente serve para a vida terrena, e da moralidade primária da dedicação aos parentes e amigos. Jesus somente conseguiu despertar os que estavam “prontos”, como Paulo de Tarso, Maria de Magdala, Zaqueu e outros, proporcionalmente poucos, no meio de toda uma população de pessoas dominadas pela materialidade. A esperança é uma virtude associada umbilicalmente ao Amor a Deus, conforme esclarecem os Espíritos Superiores, a qual dá a certeza da nossa filiação divina, com as consequências que daí advêm. Todavia, se para alguns foi ou é suficiente a esperança decorrente da sua própria certeza espontânea, a Terceira Revelação trouxe reflexões filosóficas que fortalecem essa certeza, por exemplo, nas afirmações sobre Deus constantes de “O Livro dos Espíritos”, bem como nas mensagens dos Espíritos Superiores e nas palavras de Allan Kardec estampadas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. O Amor a Deus representa a conquista mais elevada dos Espíritos, quando se fazem merecedores de compreender o Criador, graças à sua já expressiva evolução intelecto-moral, resultado do muito que

investiram nesse sentido, com a autorreforma moral decorrente do autoconhecimento. Na verdade, a esperança em Deus é conquista dos Espíritos Superiores, resultado do seu merecimento. Os Espíritos medianos trazem pouco desenvolvida a esperança, pois pouco ainda caminharam na estrada da autorreforma moral, fazendo com que escilem entre a certeza e a dúvida. Somente quem já se libertou dos defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade, vive a esperança em grau elevado e caminha seguro, no cumprimento dos trabalhos de Amor Universal. Jesus tinha esperança absoluta em Deus, ensinando-nos essa virtude mesmo nos momentos de grande dificuldade, como o da cruz. Aprendamos a ter esperança, confiantes na nossa condição de filhos de Deus e agindo como tais, no cumprimento de Suas Leis.

3.11 – A FÉ

A fé é uma conquista individual, decorrente da sintonia consciente com Deus. Não resulta do conhecimento meramente horizontal inclusive sobre as Leis Divinas, pois é grande o número dos que estudam essas Leis, mas não mereceram ainda a fé, que Deus concede àqueles que julga merecedores por suas conquistas ético-morais. Nicodemos é um exemplo típico do religioso de pouca fé, uma vez que ainda não tinha adquirido a virtude da humildade. A fé representa a certeza inabalável em Deus, consequência do esforço perseverante no cumprimento das Leis Divinas, resumidas, conforme já dito, no Amor Universal. Quem Ama adquire merecimento para receber do Pai Celestial o conhecimento da Verdade, do qual decorre a felicidade do relacionamento consciente com o Pai. Os Espíritos Superiores vão adquirindo cada vez maior conhecimento sobre Deus, enquanto que os Espíritos Puros, como Jesus, interagem com Ele continuamente, tanto que se afirma que, para nós, “Jesus é médium de Deus”. Todos os seres, perfectíveis que são, caminham para essa conquista, que representa o máximo de felicidade, pois, ao invés de usufruírem apenas do afeto dos irmãos e irmãs, falíveis e incompletos, receberão do próprio Criador as Emanações do Seu Amor Infinito, que repletam de completude afetiva. Devemos dar os primeiros passos, passando pela autorreforma moral, que exige muitas realizações em favor dos nossos irmãos e irmãs. A fé é uma recompensa aos que muito se dedicam ao Bem, proporcionando-lhes um imenso bem-estar interior. A certeza da presença de Deus em nós é incentivo para vivermos com serenidade, em paz e muito realizando em favor do Progresso da humanidade, mesmo que aparentemente pequena seja

nossa zona de influência. Sabemos que Deus tudo vê e tudo sabe, mesmo quanto às nossas intenções mais secretas e, por isso, confiemos na Sua ajuda, no sentido de multiplicar o nosso esforço pela autorrenovação interior. A fé não é compreensível para os que vivem em função dos interesses materiais, porque Deus Se revela à medida que nos aproximamos d'Ele pelas virtudes. Triste é a vida daqueles que ainda não têm fé em Deus, pois seus pensamentos, sentimentos e ações circulam dentro de um círculo vicioso, onde preponderam a insegurança e o medo, apesar de ostentarem na face o sorriso e a aparente autoconfiança. Oremos por esses irmãos e irmãs se não pudermos fazer mais por eles!

3.12 – O DEVOTAMENTO

Se é verdade que a esperança e a fé são virtudes ligadas diretamente ao Amor a Deus, o devotamento representa o Amor voltado para as demais criaturas. Imbuídos da esperança e da fé em Deus, cumpre-nos o dever de devotarmos ao progresso intelecto-moral dos nossos irmãos e irmãs. Jesus trouxe à Terra a Verdade numa extensão e profundidade nunca igualada nem antes nem depois d'Ele, pois a própria Terceira Revelação, com todos seus méritos, simplesmente detalha alguns pontos da Revelação de Jesus, mas não tem condições de alcançar Sua Excelsitude. Aliás, quando o Divino Mestre falou: “Passará o céu e a Terra, mas Minhas Palavras não passarão.” estava afirmando que somente quando alcançarmos o nível de Espíritos Puros compreenderemos a Verdade. Qualquer das Suas muitas Lições representa uma faceta da Verdade incompreensível em toda a sua complexidade pelo nosso cérebro primitivo e pelo nosso coração que ainda não sabe Amar Universalmente. O devotamento ao próximo é uma das virtudes mais marcantes nas grandes almas, que já entenderam que quanto mais fazem em favor dos outros mais se aproximam de Deus, ao contrário dos que pensam, sentem e agem em função do poder, do prestígio, da riqueza e do prazer. Jesus nunca vivenciou qualquer resquício de orgulho, egoísmo ou vaidade, desde o início de Sua trajetória evolutiva. Seu devotamento aos seres criados pelo Pai é total, servindo de exemplo máximo para nós, que ainda sentimos muita dificuldade em favorecer nossos irmãos e irmãs, sem pensar em recompensas, que, na verdade, são perfeitamente dispensáveis. Se o Pai sustenta as aves do céu e veste as flores do campo, quanto mais a nós, homens e mulheres de pouca fé... O devotamento é uma das

mais importantes virtudes que devemos exercitar, para merecermos a recompensa da felicidade, que Deus concede apenas a quem muito faz em favor dos outros Seus Filhos. Peçamos ao Pai que nos livre do nosso egoísmo e enxerguemos o bem de todos, devotando-nos a concretizá-lo, pensando, sentindo e agindo em benefício do progresso intelecto-moral de cada um em particular e das coletividades em geral.

3.13 – A VALENTIA

Alguns podem dizer que a valentia representa um instinto, enquanto que outros afirmarão que é reflexo da inteligência, todavia, para o nosso estudo, o que importa é a valentia utilizada em função do Amor Universal. Assim é que Jesus enfrentou todos os percanços do mundo material, chegando ao extremo da morte dolorosa, porque tinha como sustentáculo da Sua valentia o compromisso de ensinar a Verdade aos Seus pupilos terrenos. Valentia praticada simplesmente como forma de autoendeusamento, para receber o reconhecimento dos demais, representa uma das manifestações mais funestas do orgulho. Todavia, a valentia na exposição ou defesa de um ideal superior, que redunde em benefício, sobretudo, do progresso intelecto-moral das criaturas, é necessária para o próprio aprimoramento dos trabalhadores do Bem como também como forma de exemplificação para os que lhe observam e acompanham a trajetória luminosa. Sem valentia, fundada no Ideal mais puro, os cristãos dos tempos apostólicos não se teriam deixado sacrificar nos circos da crueldade da Roma antiga; sem valentia Jan Huss, Joana D'Arc e outros missionários do Cristo não se exporiam às fogueiras da Inquisição; sem valentia Allan Kardec não teria renunciado a tudo para se dedicar à Codificação da Doutrina dos Espíritos e Francisco Cândido Xavier não estaria se doando em favor da materialização no mundo terreno de mais de quatro centenas de livros altamente esclarecedores sobre a realidade espiritual. A valentia que nos importa ressaltar é a da assunção de uma mentalidade pacifista; firme nos propósitos de realizar o Bem em favor de todos; paciente frente às dificuldades; tolerante diante das oposições; capaz de

suportar qualquer sacrifícios sem murmurar, a fim de que a tarefa a nós destinada seja cumprida. A valentia sempre caracterizou os missionários do Bem, porque eles colocam sua confiança em Deus acima de qualquer apoio material ou pessoal de quem quer que seja e a certeza de que estão servindo à humanidade. Sua recompensa está sempre além dos limites dos interesses terrenos, imediatistas, passageiros e instáveis. Valente é quem, apesar de experimentar o medo, o que é natural, segue adiante e cumpre seu mandato, mesmo que chegue ao final da jornada cheio de cicatrizes e combalido, como Paulo de Tarso; mesmo como Maria de Magdala, que contraiu a lepra e morreu vitimada pela rude desagregação das células orgânicas ou como Zaqueu, que trocou o prestígio e as riquezas pelo anonimato aparentemente humilhante, mas feliz. Alguém pode estranhar a inclusão da valentia entre as virtudes, mas, na verdade, somente consegue manter-se bom e virtuoso quem vence as oposições, os apodos e a incompreensão do meio onde vive com sua valentia pacífica, construtiva, iluminativa, esclareedora, sustentada pelo Amor Universal.

3.14 - A CORAGEM

Nos tempos atuais, ninguém necessita mais dar a vida nos circos da maldade para contribuir para a melhoria do mundo e da humanidade. A coragem que se exige é a de vencer suas próprias más tendências, como preconizava Allan Kardec para caracterizar os verdadeiros espíritas. Devemos ter coragem de olhar para dentro de nós mesmos e enfrentar nossas mazelas morais, vencer a preguiça, a má-vontade, o desamor, a frieza moral, a indiferença pelos sofrimentos alheios, o desejo de projeção inútil, a alegria com as desgraças alheias, o orgulho e o egoísmo e todas as falhas morais que ainda trazemos e costumamos querer disfarçar de nós próprios. Essa a coragem que devemos desenvolver em grau cada vez mais elevado, para evoluirmos intelecto-moralmente. Sem ela viveremos na estagnação, correndo de um lado para outro atrás de distrações que nos levarão ao desencanto e à decepção, que redundam em doenças psicossomáticas tão comuns nos tempos atuais. É preciso coragem não para vencer nas competições do mundo, que retratam o primitismo que ainda nos caracteriza, mas para vencermos a nós mesmos, os resquícios do “homem velho” ou da “mulher velha” que ainda carregamos como chagas morais na nossa própria intimidade psíquica. A coragem vai passando, gradativamente, do exterior para o interior à medida que evoluímos intelecto-moralmente. O mundo de provas e expiações está se esvaindo e gradativamente vamos ingressando no mundo de regeneração, onde as virtudes serão a mais importante característica dos habitantes da Terra, enfeixadas no Amor Universal. Oremos ao Nosso Pai para que nos dê a coragem necessária para emprendermos a autorreforma moral e a vivenciarmos como Jesus aconselhou:

“Colocai o lume sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”

3.15 – A FORÇA

A força física foi necessária para a construção das primeiras civilizações, quando o trabalho braçal era praticamente o único meio de melhorar as condições primitivas de sobrevivência. Assim, edificaram-se cidades, monumentos e outras construções, quase todas posteriormente destruídas pela violência dos próprios seres humanos, que viviam muito mais da pilhagem e da escravização dos seus irmãos e irmãs do que do trabalho construtivo e idealista em benefício das coletividades. Todavia, sobretudo com a propagação da Mensagem de Amor Universal, trazida pelo Divino Governador da Terra, que é Jesus, aos poucos passamos a respeitar o trabalho alheio, a construir ao invés de destruir e a pensar em prol da coletividade em vez de cada um só enxergar seus próprios interesses materiais. A inteligência desenvolveu-se, ocasionando o aprimoramento das instituições e das regras de regalicionamento interpessoal. Da força física, que predominava, passou-se a valorizar a força da inteligência e aos poucos a força ético-moral. Na fase de mundo de provas e expiações a inteligência ainda prevalece sobre a moralidade, mostrando-se muitas vezes descompromissada com ela, mas, passando a Terra à categoria de mundo de regeneração, teremos a força moral como referencial da vida da humanidade. Antecipemo-nos nessa conquista, pois o caminho é individual, como informa Joanna de Ângelis, quando diz que, na verdade, cada um está sozinho com sua própria consciência. Apesar de necessitarmos da força física para os trabalhos do corpo, do qual devemos cuidar, e da inteligência, que representa uma das asas do Espírito, a força moral é que nos define o grau evolutivo, realmente.

3.16 – A CARIDADE

Quando Allan Kardec afirmou: “Fora da caridade não há salvação.” estava apresentando aos espíritas um modelo de conduta para não deixar dúvida alguma. Aliás, os espíritas em geral são identificados normalmente pela prática da caridade. Muito já se estudou sobre essa virtude, que, como se sabe, pode ser praticada pelo pensamento, pelo sentimento e pelas ações. Todavia, queremos apresentar aos queridos Leitores uma reflexão que pode nos ajudar na nossa vida: nunca devemos nos julgar superiores àqueles a quem prestamos algum auxílio, porque, muitas vezes, os verdadeiros necessitados somos nós e não eles. Lembremo-nos do exemplo do cego curado por Jesus, que tinha nascido naquela condição com o propósito de testemunhar em favor da Causa de Jesus e não porque devesse algo à Justiça Divina. Outro exemplo: conta-se que Francisco Cândido Xavier foi muitas vezes abraçado longamente por um homem andrajoso e de aparência sofrida, chamado Jorge, de quem a maioria das pessoas se afastava, principalmente pela sua falta de higiene corporal, sendo que ele, como afirmou Chico, ao desencarnar, foi recebido por Jesus, que veio buscá-lo. A respeito desse último caso, sem entrar no mérito da questão, fica a indagação: - Quem necessitava mais daqueles abraços cheios de profundo afeto: o médium, que precisaria de reposição fluídica que somente os corações cheios de Amor poderiam lhe proporcionar, ou o homem maltratado, que levava uma vida aparentemente sem razão? Não devemos analisar as pessoas pela aparência, classificando-as segundo os poucos dados de que dispomos sobre elas, pois, na verdade, quase nada sabemos até sobre nós mesmos. Há quem renasça na condição de deficiente intelectual, mental ou físico

simplesmente para despertar a faculdade de Amar naqueles que vivem encastelados no egoísmo, no orgulho ou na vaidade... “Há muito mais mistérios entre o céu e Terra do que imagina nossa vã Filosofia”, materialista e nossa pobreza intelecto-moral... Por essas e outras razões, devemos aprender a nos considerar iguais a todos os irmãos e irmãs em humanidade, auxiliando-os como pudermos, sem achar que somos especiais por causa do muito ou do pouco que lhes fizermos de bom, pois pode acontecer de o mendigo, o doente ou o sofredor que nos estendem a mão estarem milhares de anos à nossa frente na estrada evolutiva! Francisco Cândido Xavier, certa feita, teria afirmado que é verdade que muitos membros da antigas nobreza estão reencarnados, podendo ser identificados, enquanto que muitas ex-lavadeiras habitam atualmente os planos espirituais superiores!

3.17 – A INDULGÊNCIA

Jesus foi indulgente com a mulher adúltera que os fariseus queriam apedrejar; igualmente com Judas, que o traiu; com Simão Pedro, que o negou três vezes; com Saulo, que tentou destruir Sua Obra, antes de se converter; com Zaqueu, que vivia da usura; mas, sobretudo, com todos que o condenaram, apodaram, maltrataram e crucificaram, não esboçando a mínima atitude de defesa ou reação por uma única razão: Amava a todos indistintamente como Seus pupilos, a quem competia ensinar pela indulgência e não corrigir com as armas da severidade e da dureza. Ninguém realmente o ofendeu, mas agrediu a própria consciência, por ignorância, porque Ele não levava em conta as palavras e atitudes dos Seus Amados, que somos todos nós, mas sim nossas carências intelecto-morais, que Ele vem suprindo desde que nos tomou nos Braços Misericordiosos. Ser indulgente não é ser conivente com os equívocos dos tutelados, mas relevar-lhes a ignorância, ensinando-os com paciência, através da repetição das lições, até que, um dia, despertem, como Públio Lentulo, que se tornou um dos Seus mais dedicados discípulos. A indulgência é filha dileta do Amor, que nunca se melindra nem se cansa de Amar aqueles que ainda não têm alcance intelecto-moral para compreenderem as virtudes. Gandhi foi indulgente com os ingleses, que escravizaram seu país por dois séculos; Francisco Cândido Xavier era indulgente com aqueles que o criticavam por sua humildade; Divaldo Pereira Franco foi indulgente com o filho que sofria de forte propensão para a prática do homicídio, pedindo-lhe que matasse a ele e nunca a outra pessoa. Quem passa a entender o Amor Universal se torna indulgente e nunca se julga ofendido.

3.18 – A BENEVOLÊNCIA

A benevolência foi exemplificada por Jesus em grau máximo, quando atendia a todos que O procuravam, inclusive o senador Públio Lentulo, imaturo para compreender-Lhe as Orientações naquele momento. Todavia, enxergando o futuro e o passado, Jesus semeava Lições, que muitos somente iriam apreender daí a anos, séculos ou milênios. Ninguém era desprezado por Ele, que proporcionava o melhor de Si mesmo para incentivar o desenvolvimento da mínima chama que crepitasse no fundo da consciência de cada um. Benevolência é semear em qualquer tipo de terreno, sem aguardar os resultados, que pertencem a Deus. Fazer o bem indistintamente é o que nos compete, como aprendizes na Vinha do Senhor, que nos contrata para servir, em troca do salário representado pelo Seu Amor Paternal. Não temos a visão do passado nem do futuro, vivendo circunscritos aos minutos e horas que se sucedem, como oportunidades de crescimento intelecto-moral e a benevolência é das melhores formas de contribuir para a Obra Divina, transformando desertos morais e intelectuais em campos verdejantes, de onde brotarão flores multicoloridas e frutos saborosos e saudáveis. Quem é benevolente se assemelha a uma árvore frondosa, sob cuja sombra descansam os caminhantes da vida, e de cujos galhos pendem saborosas frutas, que saciam a fome dos famintos. Pelo contrário, aqueles que ainda não conquistaram essa virtude parecem arbustos ressequidos, enfezados e raquíticos, cheios de espinhos e perigosos para quem se aproxima, pois, além de inúteis, podem ferir as mãos desavisadas que os buscam confiantes. Feliz de quem se transforma em refúgio para seus irmãos e irmãs, pois passa a exalar o perfume da felicidade, atraindo os sofredores de

várias ordens, que nele encontram o abraço carinhoso. Assim viveu Bezerra de Menezes, que ficou conhecido como o “médico dos pobres” e assim era Mohandas Gandhi, de quem, como ele mesmo dizia, muitos estropiados da mente se aproximavam, atraídos por seu magnetismo, representado pela benevolência permanente.

3.19 – A HUMILDADE

Jesus, quando disse: “Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim.” não estava se arrogando um prestígio inútil, mas sim esclarecendo-nos sobre quem Ele realmente era e é, ou seja, o Sublime Governador da Terra, a quem compete nos encaminhar para a evolução intelecto-moral. Ser humilde não significa rebaixar-se, mas sim trabalhar pelo bem comum sem outra intenção que a de servir. Não se trata de mostrar-se grande ou pequeno, mas simplesmente cumprir sua tarefa, sem estabelecer comparações inúteis entre evoluídos e primitivos, pois que todos podem desempenhar sua tarefa em benefício do conjunto. Jesus recusou o qualificativo de “Bom”, dizendo que apenas o Pai merecia esse título, mas identificou-se como mestre (professor), pois que, como tal, competia-Lhe ensinar a Verdade, portanto, representando o Caminho, a Verdade e a Vida, que conduzem os habitantes da Terra a Deus, os quais não chegarão ao Pai a não ser por Ele, único Médiun de Deus para o nosso mundo. A humildade caracterizava o Divino Pastor das almas terrenas. E, nessa condição, tinha de “colocar a candeia sobre o candeeiro, a fim de dar luz a todos os que estivessem na casa”. Os missionários do Bem são humildes, mas não omissos, temerosos, subservientes, timoratos, covardes ou tímidos, porque o Amor lhes dá a autoridade necessária para falar e realizar em benefício de todos. Não agem por interesse próprio, mas impulsionados pelo desejo de servir a todos. São grandes porque servem bem a todos e não se servem de ninguém. Madre Teresa de Calcutá serviu a vida inteira a cada um em particular, sem nunca ter procurado qualquer benefício pessoal, vivendo com humildade, mas sendo firme nos momentos em que a declaração da Verdade se fazia

necessária. É preciso entender a humildade como a virtude que nos faz desapegados dos interesses pessoais, mas corajosos na propagação do Bem e na defesa do progresso intelecto-moral dos outros!

3.20 – A RESIGNAÇÃO

Os Espíritos Superiores nunca pleiteiam aquilo que contraria as Leis Divinas: isso representa a resignação. Forçar o impossível, precipitar-se na busca do irracional, pretender o injusto, colher frutos ainda verdes: tudo isso se traduz em rebeldia e irresignação. Sabendo que Deus é Justo e Sábio, os Espíritos Superiores aguardam pacientemente que tudo venha no momento próprio. De nada adianta tirar da terra a plantícula para apreciar-lhe a raiz, sendo que se deve aguardar que o tempo a fortaleça e transforme em arbusto e, posteriormente, em árvore frondosa. Resignar-se é aguardar a Justiça Divina, sem pretender que ela decida a nosso favor, pois pode acontecer de sermos os réus, que merecem a condenação, e não as vítimas, que devam ser protegidas. Somente Deus sabe quem é culpado e quem é inocente, porque enxerga o passado e não apenas o presente, enquanto que nós somente conhecemos alguns poucos anos da nossa vida e da existência alheia. As pessoas resignadas não sofrem com as adversidades, que interpretam como eventos naturais; não tentam mudar as circunstâncias que independem da sua vontade e não atribuem aos outros a culpa pelo que de mal lhes tenha acontecido. Tudo tem uma razão construtiva para acontecer e o Pai, que somente permite o Bem, mesmo que seja interpretado como o Mal, vela por todos e Suas Leis conduzem tudo e todos para o Progresso. Sofrer é ignorar a utilidade das lições propiciadas pela Sabedoria e Bondade de Deus, como o aluno desidiioso reclama dos deveres de casa e das lições da sala de aula. Jesus resignou-se com a morte na cruz, pois sabia da utilidade desse sacrifício para marcar a fogo Sua passagem pela Terra e Suas Lições. Sócrates resignou-se com sua condenação a beber cicuta, porque seus

Orientadores Espirituais lhe esclareceram a necessidade daquele sacrifício. Gandhi morreu assinado, resignado com os Designíos Divinos, em benefício da missão que trouxe ao mundo terreno. Aprendamos a virtude da resignação, que representa Amor a Deus!

3.21 – A ACEITAÇÃO

A aceitação diz respeito à realidade imposta por Deus, que sabemos ser a melhor para o nosso aprendizado, a nossa evolução intelecto-moral. Todas as circunstâncias da nossa vida são favoráveis a esse objetivo, pois, em caso contrário, o Pai, que Ama infinitamente Suas criaturas, não permitiria que ocorressem. Tudo que nos cerca a existência funciona como incentivo ao nosso progresso intelecto-moral, apesar de, na nossa visão ainda toldada pelo primitivismo decorrente dos defeitos morais e do pouco desenvolvimento da inteligência somente precariamente iluminada pelo Amor, enxergarmos quase tudo como obstáculos e sofrimentos, os quais costumam nos desanimar ou revoltar. As pedras, quando juntadas e colocadas na posição certa, transformam-se em base da construção; os abismos são alertas para nos desviarmos e procurarmos os caminhos da planície; as mudanças climáticas, decorrentes da variação das estações do ano, nos ensinam que os ciclos da vida se repetem e que devemos aguardar a época certa para agir de tal ou qual forma; as facilidades nos mostram que devemos aproveitá-las enquanto estão presentes; os amigos significam apoio e troca afetiva e os adversários representam um reforço à voz da nossa consciência, mostrando o que temos de aperfeiçoar em nós mesmos. Pretender encontrar na vida apenas benesses é comparável a querer parar a sequência das estações ou a rotação da Terra, esta que alterna os dias e as noites. A aceitação significa fé em Deus e sabedoria no trato conosco mesmos e com os outros. Trata-se de uma das mais importantes virtudes, visível nas pessoas que atingiram um elevado grau de serenidade. Atualmente, com o estilo de vida direcionado para a competição, o consumismo e o estresse

individual e coletivo, muita gente passa o tempo, representado pelas horas de cada dia, sem nenhuma aceitação, querendo alterar a ordem natural das coisas, simplesmente por inconformação, rebeldia ou ignorância. O autodomínio, a paciência e a fé em Deus nos induzem à aceitação de tudo que não depende da nossa vontade e também daquilo que nossa consciência apresenta como útil para nosso progresso intelecto-moral. Querer tudo mudar, obedecendo aos impulsos, ao modismo e à arrogância somente tumultuam a vida individual e das coletividades. Devemos procurar entender as Leis Divinas para sabermos o que devemos aceitar e o que nos compete mudar!

3.22 – O PERDÃO

Os Espíritos Superiores deixaram por último o perdão, com suas ramificações: abnegação e fraternidade. Não terá sido por acaso, mas talvez porque representa a culminância da evolução ético-moral. Recebendo o Mal, ao invés de devolvermos na mesma moeda, façamos o Bem, através do pensamento, do sentimento e das atitudes. Assim deve acontecer por duas razões: primeiro, porque o Mal só nos atingirá se Deus assim o permitir para o nosso progresso intelecto-moral e, segundo, porque o Mal, na verdade, é o Bem representando nossa impulsão para a Frente e para Cima. Querer mal aos nossos adversários é desejar que o professor não nos ensine as lições ou que não nos indique os deveres de casa, ambos que são indispensáveis ao nosso aprendizado. Perdoar não é apenas sinal de espírito caritativo, mas também de compreensão de que a evolução se processa com a presença, na proporção certa, das facilidades e dificuldades. Se os amigos nos trazem as facilidades, os adversários nos colocam no caminho as dificuldades, mas ambas são indispensáveis. Jesus nunca se inquietou com as dificuldades, mas aproveitou-as para ensinar-nos a lidar tranquila e inteligentemente com elas. Se não fossem Sua morte na cruz e os episódios dantescos dos circos romanos, o Cristianismo não ter-se-ia propagado tão rapidamente no mundo, atingindo sua finalidade na renovação dos paradigmas. “Perdoar não sete, mas setenta vezes sete” significa aceitar as dificuldades, porque elas existirão sempre, mudando apenas de umas para outras. A evolução intelecto-moral nos faz entender que não temos adversários externos, pois os únicos inimigos reais são nossos próprios defeitos morais, decorrentes da incompletude intelecto-moral que nos

caracteriza. Por isso, perdoar aqueles que aparentemente nos prejudicam passa a ser cada vez mais natural e espontâneo. Jesus, mesmo na cruz, nas vascas da agonia, não se esqueceu de pedir ao Anjo da Caridade que fosse socorrer Judas, o qual tinha acabado de suicidar, e, retornando do mundo espiritual, procurou todos aqueles que O tinham traído e abandonado, para ensinar-lhes que a morte mata o corpo, mas que o Espírito é imortal, indiretamente abençoando-os com o perdão!

3.23 – A ABNEGAÇÃO

Para entendermos a abnegação devemos conjugar o Autoamor com o Aloamor e o Amor a Deus. Um não deve excluir os outros, pois são diferentes, mas todos igualmente importantes, assim como detêm o mesmo valor o Amor aos filhos, aos irmãos carnais, ao cônjuge e aos pais. Abnegação não significa deixar de Autoamarmo-nos, investindo no nosso progresso intelecto-moral, mas sim realizarmos esse investimento justamente deixando de lado os defeitos morais, que nos induzem a não enxergar senão os interesses mundanos. Quando levamos em conta os deveres que temos para com o progresso intelecto-moral das outras criaturas de Deus na mesma intensidade com que procuramos Amar a Deus e a nós mesmos, estamos praticando a virtude da abnegação. Joanna de Ângelis, que viveu muitas encarnações voltadas para a renúncia a si mesma, inclusive na figura de Clara de Assis, quando praticava a autoflagelação, atualmente é uma das mais importantes missionárias do Cristo a ensinar a necessidade do Autoamor, pois não se consegue Amar a outrem sem Amar a si próprio, no sentido mais elevado da palavra, ou seja, investindo no próprio aperfeiçoamento intelecto-moral. A abnegação como a entendiam os anacoretas e os religiosos fanatizados da Idade Média representa verdadeira irracionalidade, incompatível com as Leis Divinas, esclarecidas através da Terceira Revelação. Abnegação é doar de si mesmo em favor dos outros sem segundas intenções; é fazer o bem indistintamente; é não julgar pelo simples prazer de alegrar-se com as desgraças alheias; é transferir às mãos alheias tudo que não nos é indispensável; é não competir naquilo que não é essencial para nossa sobrevivência e nosso desenvolvimento

intelecto-moral; em suma, é considerar todos tão importantes quanto nós próprios, uma vez que, para Deus, os seres que se iniciam na trajetória evolutiva são tão queridos quanto os Espíritos Puros. A abnegação deve ser praticada com utilidade para nós e para nossos irmãos e irmãs.

3.24 – A FRATERNIDADE

Quanto a este tópico vamos fugir do estilo deste estudo para fornecer aos queridos Leitores os comentários de um jurista francês e, após, expor as nossas reflexões: *“Esse terceiro termo da divisa republicana, (artigo C. 2, al. 4) é devida aos republicanos de 1848. Todavia, enquanto que liberdade e a igualdade são direitos que não comportam obrigação como encargo de cada um a não ser de respeitar os direitos de outrem, a fraternidade deve ser sobretudo considerada como um dever, mas um dever moral, insuscetível de se traduzir por obrigações jurídicas, salvo se se instituir a tirania. Na Constituição, a noção que se aproxima mais da fraternidade é aquela da solidariedade (Pr. 46, al. 10 a 13). Para retomar uma expressão de R. Capitant, “a fraternidade não é um princípio da democracia; ela é uma aplicação sua”. (Dictionnaire de droit constitutionnel, Michel de Villiers, Paris: Masson & Armand Colin Éditeurs, 1998:98). Com a virtude da fraternidade, os Espíritos Superiores, dirigidos pelo Espírito de Verdade, encerram o rol das 23 virtudes, ramificações do Amor. Não há como deixar de reconhecermos a superioridade notável desses mestres, que, do mundo espiritual, orientam os surtos evolutivos do mundo terreno, sob o Comando Amoroso e Sábio de Jesus, a quem nos compete agradecer do fundo da nossa alma por mais essas maravilhosas informações acerca da Verdade, que, como Ele afirmou, liberta. E é assim que, de joelhos postos na terra, agradecemos ao Divino Mestre e Seus emissários, propondo-nos continuar na nossa autorreforma moral e divulgá-la aos nossos irmãos e irmãs em humanidade, “colocando a candeia sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”, pois não há nenhuma manifestação maior de fraternidade do que contribuir para o progresso intelecto-moral dos nossos irmãos e irmãs em humanidade.*

4 – A ESTRELA DE EMMANUEL

Emmanuel afirmou que o sapo é uma estrela de cinco pontas, todas elas voltadas para a terra; o boi tem quatro pontas voltadas para a terra e uma para o céu; e o ser humano atual, da Terra, tem duas pontas voltadas para a terra e três para o céu. Podemos deduzir que os seres angélicos comparáveis a estrelas de cinco pontas têm todas elas voltadas para o céu, todavia, podendo-se ainda calcular que, com suaprogressiva evolução, se tornam estrelas de seis pontas, todas voltadas para o céu e assim sucessivamente, até o infinito.

No desenho da capa, simbolizamos Deus na parte inferior, irradiante e lançando dardos de Luz para cima, tendo criado primeiro a pequena semente espiritual, que aparece como uma pequena bola preta, com um sinal branco em seu interior, significando as potencialidades nela inseridas pelo Criador. Mais acima aparece uma estrela escura, de cinco pontas, irradiando para baixo (o sapo); mais acima uma outra estrela de cinco pontas, com quatro pontas escuras irradiando para baixo e uma ponta clara irradiando para cima (o boi); em nível mais elevado, uma outra estrela de cinco pontas, com duas delas mais escuras, irradiando para baixo, mas três mais claras, irradiando para cima (o ser humano atual); no topo aparece uma estrela de seis pontas, com um olho, irradiando Luz em todas as direções, significando o estágio de Espírito Puro, no qual Jesus se encontra.

Trata-se de um simbolismo, que carece de explicação, pois o médium não é desenhista.

5 – CORPO FÍSICO *VERSUS* ESPÍRITO OU A SERVIÇO DO ESPÍRITO

O corpo físico não é uma máquina que obedeça cegamente ao comando do Espírito que nele habita durante a encarnação, mas sim o conjunto de trilhões de Espíritos primitivos encarnados nas células, cada qual com sua função especializada. Assim as células do aparelho digestivo praticamente “obrigam” o ser humano a procurar alimentar-se, as reprodutoras a satisfazerem o acasalamento e assim por diante.

Os Espíritos primitivos e os medianos encarnados submetem-se passivamente e, normalmente, satisfeitos, a essas “exigências”, não conseguindo sobrepor-se a elas, enquanto que os Espíritos Superiores encarnados procuram dominá-las segundo o nível das virtudes que já conquistaram. Assim, quando se diz: “O Espírito é forte, mas a carne é fraca” não se está dizendo uma inverdade, mas sim afirmando-se o que prevalece quanto aos Espíritos que ainda não realizaram a autorreforma moral, pois se deixam dominar pelas necessidades materiais.

5.1 – JESUS

Não se sabe se Jesus encarnou em um corpo de carne ou se tinha um corpo diferenciado, mas o que realmente nos importa são Suas Lições, que representam as Leis Divinas.

De qualquer forma, Jesus se sobrepôs a todas as contingências materiais e nada O afetou, impedindo que cumprisse Sua Missão de Revelador Máximo das Leis do Pai à humanidade da Terra, as quais regulam o mundo físico e o mundo moral.

5.2 – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Como Espírito Superior encarnado, Chico Xavier dominava muitos dos condicionamentos do corpo físico, fazendo-o suportar muitas vezes a fome, o cansaço físico, as necessidades sexuais, o medo etc. Sua longevidade, pois viveu 92 anos, apesar da sobre-humana carga de trabalho e esforço a que se submetia, se deve muito a esse controle sobre o corpo físico.

Aconselhamos a leitura do livro “Chico Xavier”, disponível na Internet, no portal Biblioteca Virtual Espírita.

5.3 – DIVALDO PEREIRA FRANCO

Igualmente um Espírito Superior, Divaldo supera muitas das “exigências” do corpo físico, o que lhe possibilita estar gozando de saúde invejável, apesar de octagenário, mas ainda exercendo sua mediunidade de psicografia e viajando mundo afora para realizar suas memoráveis palestras, tudo isso graças ao controle que tem sobre os condicionamentos físicos.

CONCLUSÕES

- 1) Encarnando, o Espírito humano perde talvez 90% da sua lucidez, todavia, tal se faz imprescindível para sua evolução intelecto-moral, pois as reencarnações estão previstas na Lei Divina como degraus da trajetória evolutiva;**
- 2) Os instintos são, ao mesmo tempo , úteis como conquistas já realizadas pelo Espírito, mas, por outro lado, devem ser submetidos à inteligência e, sobretudo, à Ética, representada pelas virtudes;**
- 3) Evoluir, concomitantemente, intelectual e moralmente traz como resultado a Felicidade, que todos almejam, mas a maioria a pretende sem a autorreforma moral, o que se faz impossível, pois ela é consequência da consciência pacificada, ou seja, do cumprimento das Leis Divinas;**
- 4) Que cada um de nós possa compreender essas realidades e investir no seu próprio aperfeiçoamento, que passa sempre pelo pensar, sentir e agir dentro do Amor Universal.**